

**FOGO CRUZADO: TURGUÊNIEV E O CONTRADITÓRIO
“ENVOLVIMENTO OBJETIVO”**

Rodrigo Alves do, NASCIMENTO
(Orientador): Prof. Dr. Bruno Barretto Gomide

RESUMO: A literatura de Ivan Turguêniev (1818-1883) parece secundária no curso de sua recepção ocidental se comparada a de escritores como Dostoiévski e Tolstói. No entanto, a geração da qual fizera parte – apimentada que fora pelas querelas entre ocidentalistas e eslavófilos, as oscilações entre o reformismo e o terrorismo militantes que tinham expressão nas ruas e tribunas – trouxeram problemas profundos à sua literatura que não podem colocá-lo num lugar facilmente olvidável. Num período em que junto à *intelligentsia* russa seria quase um crime acreditar na “autonomia do estético”, Turguêniev aposta numa objetividade do escritor face aos acontecimentos. Este trabalho busca mostrar, sobretudo através de sua mais conhecida obra, *Pais e Filhos* (1862), como sua postura rendeu-lhe resultados estéticos e políticos de ordem original e controversa, atravessados que foram pela marca de uma sociedade e de uma personalidade em crise.

Área: Literatura Russa, Ivan Turguêniev, Romance Pais e Filhos.

Para a nossa geração, que vem se formando na escola do questionamento da modernidade, soa estranha a empresa crítica da geração de Turguêniev. O projeto é grandioso: para o intelectual daquele período seria inconcebível e terrivelmente falsa a crença numa possível “autonomia do estético”. A noção de totalidade era subterraneamente cara a esses pensadores, e por isso mesmo processo social e bens culturais estariam envolvidos num movimento de unidade – exigindo comprometimento e engajamento em relação às contradições sociais e culturais que se arrastavam (a ponto de tornarem-se insuportáveis). Esse espírito universalizante encontra hoje seus “julgadores de plantão”, que veem nessa tradição crítica mais uma ilusão racionalista e totalitária dos modernos¹. Há nisso forte influxo para o anacronismo e o

¹ Além dessa tendência mais contemporânea, podemos localizar o grande eixo de interpretação da herança crítica do século XIX – anterior à própria fundação do discurso dito “pós-moderno” -, que esteve relacionado ao anticomunismo típico da Guerra Fria. Historiadores e filósofos americanos e ingleses viram com inúmeras críticas a *intelligentsia* russa radical que, segundo eles, teria desembocado numa autodestruição cega e seria a matriz privilegiada do próprio bolchevismo (KELLY, Aillen. Introdução. In: BERLIN, Isaiah. *Pensadores Russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 13).

equivoco político, já que cada formação social, na especificidade da produção de relações de trabalho e de vida, constitui através da contraditória dinâmica social as representações da realidade e as formas de pensamento que lhe são próprias. Estas podem, na medida de sua força e abrangência, atravessar os tempos e lançar problemas a inúmeras gerações.

Amedrontado pelas “grandes narrativas” e pelas exigências práticas de transformação da realidade, o atual “pensamento pós-moderno” (se é que se permite a essa classificação) prefere a crítica à historicidade dos discursos, e afirma, ao contrário, a “discursificação” da história². Por isso já não são raras entre nós duas vertentes de análise: a leitura anacrônica da literatura e da *intelligentsia* russa do século XIX ou a total desistoricização dos bens culturais (como a redução às obras de Turguêniev, Tolstói ou Dostoiévski ao simples fruto do gênio).

Relativizando essa perspectiva, cabe observar o problema por um outro lado.

Segundo Isaiah Berlin, as obras dos grandes escritores de meados e fins do século XIX, como Turguêniev, Dostoiévski e Tolstói, não podem ser apreendidas com qualidade sem a compreensão do peculiar meio social e histórico que gerou a *intelligentsia* russa³.

Esse grupo de pensadores, longe de concordarem entre si quanto ao balanço e a crítica, tinha como matriz comum a confiança na relevância social do artista e do crítico. Diante do forte abismo que separava o servo do senhor feudal (e da autocracia czarista), o intelectual seria uma espécie de “classe intermediária”, que pensa a sua realidade e reflete no seu trabalho uma forma específica de engajamento, tomando posições e, por vezes, apontando caminhos.

Segundo Ronald Hingley, “num país desprovido de instituições democráticas, a literatura, por mais censurada que fosse, oferecia a possibilidade de se difundir idéias. Daí a tradição russa de considerar o escritor como uma espécie de sábio, capaz de resolver os enigmas da existência, e que

² Texto interessante para a compreensão das orientações temáticas e metodológicas do pensamento pós-moderno, e sua tentativa de questionamento e revisão das “histórias críticas” ou das organizações do pensamento crítico em correspondência a sua formação social é o livro de ANDERSON, P. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

³ BERLIN, Isaiah. *Pensadores Russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 125.

Aqui cabe um pequeno parêntese: Berlin não será adepto da anterioridade ou da dialética específica entre materialidade das relações sociais e pensamento filosófico. Para ele, ao contrário do que pensam os marxistas, “o pensamento é o motor da história”. No entanto, apesar de peremptório na proclamação dessa idéia, a análise a respeito da emergência do pensamento típico da *intelligentsia* russa, não deixará de localizar, à sua maneira, as correspondências entre forma de pensamento e forma social.

estivesse permanentemente ‘engajado’ na busca da verdade (...)”⁴. Tal análise não será posterior ao fim dessa geração. Bielínski, possivelmente o mais relevante crítico literário russo, e figura paradigmática dessa tendência de pensamento, demonstra uma visão lúcida do lugar social que ocupa, como podemos verificar na *Carta a Gógol*:

“No meu modo de ver, você não compreende corretamente o público russo. O temperamento deste resulta das condições da sociedade russa, na qual forças novas estão em ascensão e tentam irromper, mas, brutalmente reprimidas e incapazes de encontrar uma saída, causam apenas tristeza, cansaço e apatia. Só na literatura, apesar de nossa censura tártara, restou vida e progresso. Eis porque a vocação de escritor é tida com tanto respeito em nossa sociedade”⁵

A condição periférica da sociedade russa em relação à dinâmica de desenvolvimento do capitalismo nos países centrais da Europa (e os EUA) plantava problemas sérios de ordem social e cultural. O leque de temas é variado: a existência de relações servis de produção, a ausência de instituições democráticas de debate e produção de idéias, o tom artificial de costumes importados da Europa, a inércia social diante da espessa névoa da autocracia, o baixíssimo nível de vida material e cultural dos camponeses... Para uma geração que durante longo período encontrou na França e na Alemanha a fonte de ilustração para a compreensão de seu “lugar no mundo”, a adoção de paradigmas “externos” e a comparação de diferentes realidades seria quase inevitável⁶. Esse “beber de fonte no ocidente” é chave de compreensão importante para entender a “epistemologia” do discurso radical e a própria divergência – que atravessará mais de um século – entre ocidentalistas e eslavófilos.

O panorama não pode nos isentar de uma visão complexa do problema. Apesar de tratarmos de um contexto em que as posições facilmente se assentavam em extremos (ocidentalistas e eslavófilos/ aristocratas, liberais e radicais, etc), havia uma série de formas intermediárias ou híbridas de reflexão, não menos importantes. Representativo dessa última tendência, apesar de assumido ocidentalista, Turguêniev estará no meio do fogo cruzado.

⁴ HINGLEY, Ronald. *Les écrivains russes et la société - 1825-1904*. Paris, Hachette, 1966.

⁵ RAEFF, Marc (org). *Russian intellectual history, an anthology*. New Jersey: Humanities Press, 1988, pp. 253-261 (trad. Bruno Barretto Gomide).

⁶ Salvo as inflexões de ordem política que interferiram na “rota de estudos e viagens culturais” de estudantes e pensadores russos de fins do século XVIII e do século XX para a Europa (como a relutância do czarismo após 1930 em permitir a viagem de súditos para uma França “cronicamente revolucionária”), as viagens ao exterior serão sempre frequentes. Sobretudo à Alemanha, onde fervilhava o debate entre hegelianos de “esquerda” e de “direita”, com o qual o próprio Turguêniev terá contato.

Pais e Filhos (1862), seu principal romance, é emblemático para interpretação.

O nome do romance é sugestivo. De antemão surge a possibilidade de que uma relação, possivelmente conflituosa, estabeleça-se. De um lado os pais, de outro, os filhos. A primeira sugestão, antes da leitura da primeira página, é a de que o *confronto* será o elemento principal do *movimento* do enredo. É o que vemos. No entanto, a relação entre pais e filhos, ao final do romance, parece estar a serviço de uma outra problemática. A trama, segundo Berlin, retrata o espanto de Turguêniev diante dos novos homens, algo que “inspirou-lhe sentimentos que achava difícil analisar”⁷. Não é a toa que a apresentação de Bazárov, seu personagem principal, é o que desequilibra o romance em pontos diversos. Seus pais – figuras desenhadas por doces descrições de Turguêniev – emergem somente na medida em que podem esclarecer o personagem, e não estabelecem conflito direto e estruturante.

Na medida em que o desenvolvimento das ações não basta, Turguêniev intervém em momentos específicos, como que revelando uma personalidade ainda em estado de choque, que dão pistas de seus pressupostos críticos:

“A cidade que foram visitar os nossos niilistas era administrada por governador moço, progressista e deposta, como acontece quase sempre na Rússia” (p. 74).

Após colocar na boca do próprio Bazárov a autodenominação de “niilista”, Turguêniev apresenta na colocação acima, com certa ironia, o título que ele próprio atribui a seus personagens. Irônica porque não tratamos de dois niilistas programáticos. Fora Bazárov, o niilismo de Arcádio Kirsánov é ainda prematuro e muito deslumbrado e, como veremos ao final, descartável diante do primeiro embate externo de fôlego. E também porque, até esta altura do romance, a imagem que temos é de uma postura fortemente provocadora e impertinente do niilista Bazárov (seu almoço com os Kirsánov será cheio de faíscas, e há ali o primeiro choque de gerações) e o niilismo é ainda a simples “negação de tudo” e pregação de um estranho “utilitarismo”. Daí uma espécie de distanciamento no uso do “nossos niilistas”.

Mais direta é a segunda, quando demonstra serem comuns os híbridos na formação social russa, onde os governantes são um misto de autocracia e progressismos. Há aí um incômodo subterrâneo. Ao longo do romance, observamos que praticamente todos os personagens, pais e filhos, preocupam-se com a questão da servidão (chegam a ser cômicas as passagens em que, para agradar aos filhos, os pais comentam a necessidade de melhores condições de trabalho para os pobres).

⁷ BERLIN, Idem, p. 275.

Uma segunda intervenção de Turguêniev no texto é também reveladora:

“Bazárov, tão inteligente, observador e conhecedor dos mujiques (como teve ocasião de afirmar nas discussões com Pávíel Pietróvich), esse mesmo Bazárov nem suspeitava que aos olhos dos mujiques ele não passava de uma espécie de palhaço” (p.222)

Esse tipo de intervenção destoa do tom geral do romance, já que a tendência de Turguêniev é justamente a de economizar nos adjetivos, fazendo com que a organização da trama em torno das *ações* dos personagens seja suficiente. Sua preocupação (assim como a de Tchékhev mais tarde) é com a objetividade. Para Edmund Wilson, “em matéria de observação, Turguêniev é sempre vigoroso (...) e, quando tenta penetrar o interior dos seus personagens, mostra-se menos convincente do que quando está apenas narrando o que dizem e fazem, que aparência têm e que sentimentos suscitam”⁸. Mas o autor promove aqui uma adjetivação um pouco extremada do personagem: de um lado o “Bazárov TÃO inteligente”, de outro, o Bazárov que, na verdade é visto como uma “espécie de PALHAÇO”. Trata-se dos momentos finais do romance, e Bazárov ainda aparece como um personagem não resolvido, altamente problemático aos olhos de Turguêniev.

Ao longo do romance, o niilismo surge-nos, a partir das ações de Bazárov, como um pequeno programa: elogio das ciências naturais como único instrumento confiável e ÚTIL; submissão de todas as ações e julgamentos ao critério da utilidade; negação de princípios, sistematizações, filosofias, religiões e de qualquer tipo de autoridade. Some-se a esse pequeno programa uma série de desdobramentos, ora sugeridos por Bazárov, ora sugeridos diretamente por Turguêniev. À exceção de um certo cinismo, somado a um forte egoísmo e oportunismo social – explorados nas atitudes de Bazárov – Turguêniev explora no trecho acima o que a princípio é um aspecto doloroso para a *intelligentsia* russa do período: *não conhecer a realidade do país*. Ao ser visto como palhaço pelos mujiques, Turguêniev demonstra o abismo existente entre o jovem Bazárov – que aparentemente compreendia a “alma limitada” do mujique – e os reais pensamentos do mujique (para perdurar em sua defendida forma de pensamento uma aura de falsidade).

Como tratamos de um período em que o literato, o crítico e o pensador eram encarados como a encarnação das próprias instituições democráticas, a avaliação da obra de Turguêniev não poderia escapar a um julgamento sumário, como o feito acima. A interpretação de seu romance dividiu a opinião pública. Conservadores como Mikhail Katkov viram o elogio descarado do niilismo no

⁸ WILSON, Edmund. *11 Ensaios – Literatura, Política, História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

personagem Bazárov – eleito como personagem principal. Outros pensadores de direita viram no romance o desmascaramento da falácia niilista. Os esquerdistas (como Dobroliúbov e Tchernichevski) viam em Turguêniev um traidor da juventude, ao apresentar uma imagem distorcida do pensamento radical russo. Outros, como Píssariiev viam em Bazárov uma imagem honesta da realidade. E, por último, aqueles que viam no romance uma indecisão do autor, que privilegiou a ambivalência da obra de arte à transformação do material num panfleto⁹.

A postura crítica e artística de Turguêniev é, no entanto, um recorte mais rico de tudo isso. Ela é resultado de um cruzamento amplo: de uma assustadora juventude na casa da mãe (que repercutirá na parcimônia e na hostilidade diante da situação dos servos)¹⁰, de uma relação de profunda admiração por Vissarion Bielínski (que influenciará na sua idéia da necessidade de engajamento do escritor nas questões de seu tempo), de sua formação em uma universidade alemã (que o colocará em contato com as tendências liberais)¹¹, o apego a determinados princípios sociais básicos (cortesia, civilidade, não-violência) e, ao mesmo tempo, os profundos espanto e admiração pela nova geração de jovens radicais, disposta a levar com total despreendimento e obstinação suas premissas (diferentemente daquela que, em romances como *Rudin*, retratara como “homens supérfluos” – impregnados de ideais críticos, mas presos a uma aterrorizante inércia).

Será esse cruzamento de inúmeras formações – típicas de um momento histórico muito específico da Rússia – que farão de Turguêniev um pensador incomum. Ao mesmo tempo em que defendia a libertação dos servos em seu primeiro romance, *Rudin* (1857), em *Terra Virgem* (1876 – seu último romance) demonstra profundo descrédito para com os radicais do movimento populista, que têm como palavra de ordem principal “ir ao povo”. Turguêniev, no seu afã por uma descrição objetiva e fiel, “tentava olhar tudo na Rússia com o mesmo

⁹ Segundo Berlin, tal polêmica seguiu até o período soviético, e os intelectuais comunistas se embrenharam na questão: “Será Bazárov um precursor do intelectual soviético militante e politicamente engajado ou uma caricatura maliciosa dos pais do comunismo russo?”. No entanto, a despeito de tão problemática repercussão, parece ter sido a rejeição dos esquerdistas a que mais entristeceu Turguêniev (BERLIN, Idem, p. 283).

¹⁰ Edmund Wilson dará destaque para esse aspecto da vida de Turguêniev. Segundo ele, vem desse passado sombrio junto à mãe – que espancava funcionários e estorquia os próprios filhos – a propensão do escritor a trabalhar em seus primeiros contos a presença da Vilania e da “Força do Mal”. Além disso, viria daí o seu forte aspecto melancólico, e a sua tendência a imprimi-lo em toda sua obra (pp. 220-228).

¹¹ Teria dito Turguêniev: “mergulhei de cabeça no mar alemão que devia purificar-me e renovar-me e, quando finalmente saí de suas ondas, vi-me transformado em ocidentalista, e assim permaneci para sempre.” (in: CHOSTAKOVSKI, Paulo. *História da Literatura Russa*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 208).

sangue-frio e o mesmo realismo com que se encara um país estrangeiro”¹². Era contra o sistema feudal, mas ao mesmo tempo julgava inúteis as iniciativas radicalizadas, chegando a acreditar nas reformas “por cima” em determinado momento de sua vida.

Essa tendência à conciliação (entendida por Berlin como uma “fraqueza de espírito”, um “medo pessoal dos extremos”) fez com que Dostoiévski e o próprio Tolstói o condenassem como um “frívolo homem do mundo” (e entre eles existirão tensões que perdurarão por toda sua vida). É conhecida entre nós sua conferência sobre *Hamlet e Quixote*¹³ em que, após a apresentação de tipos aparentemente irreconciliáveis (o Hamlet racionalista, individualista e inercial e o Quixote idealista, coletivo e prático), Turguêniev conclui com um balanço equilibrado dessa relação (inconciliáveis, mas necessários, e também acompanhados de seus tipos intermediários), sem estabelecimento de preferências ou tomada de posições.

É bem possível que aí resida a riqueza do problema: tal qual em *Raízes do Brasil*, será na dialética de tipos contrários, e nos seus tipos intermediários, que encontraremos o interessante jogo da dualidade (talvez mais interessante porque mais contraditório).

Pais e Filhos será fruto dessa dualidade. O romance mais conhecido e mais polêmico de Turguêniev é atravessado por contradições indissolúveis que, ao final, equilibram-se. Tomemos a apresentação de Bazárov pelo próprio escritor: o niilista que durante toda a trama surge como uma figura impenetrável, provocadora e irremediavelmente egocêntrica (ainda que não acredite no *eu*) se apaixona por uma mulher mais velha e é obrigado a admitir – em dolorosa luta interior – que parece sentir amor. Trata-se de um elemento que distensiona a trama e torna o personagem mais real. Após esse ponto de inflexão, temos preparado o terreno para vê-lo de outra maneira, a ponto de encontrar força e verdade nos seus arrombos niilistas no leito de morte (afinal as idéias continuam as mesmas, no entanto, parece que a sua firmeza ideológica, em contraposição a seu inadmissível humanismo, mostram a necessidade de sua luta). Possivelmente tenham se agarrado aí os críticos de um Turguêniev apologeta do niilismo. Contudo, não nos esqueçamos: após a morte de Bazárov (descrita com certa frieza, mas que não evita nossa identificação), a trama retorna para as mãos da “antiga geração”, ou daqueles que como Arcádio, decidiram aderir a seu modo de vida. É ao encerrar o romance com a dolorosa cena dos pais de Bazárov num melancólico pranto ao redor de seu túmulo que temos um novo contraponto: os pais que privilegiaram acima de tudo o amor, a

¹² WILSON, E. Idem, p. 238.

¹³ Disponível em TURGUÊNIEV, Ivan. Pais e Filhos. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac & Naify, 2006, pp. 301-326.

despeito das quase incompreensíveis ideologias do filho, ficaram no mundo – até o fim. Estariam mais corretos?

Em *Pais e Filhos* resta, ao final, a incômoda sensação de um balanço mal resolvido, de um vôo congelado em pleno ar. Em meio ao fogo cruzado da crítica, Turguêniev ofereceu a objetiva descrição, contradita e enriquecida pela subjetividade em crise.

Referências Bibliográficas:

- ANDERSON, Perry. (1999) *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BERLIN, Isaiah. (1988). *Pensadores Russos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CHOSTAKOVSKI, Paulo. (1948). *História da Lit. Russa*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial.
- HINGLEY, Ronald. (1966) *Les écrivains russes et la société - 1825-1904*. Paris, Hachette.
- HOETZSCH, Otto. (1966) *A Evolução da Rússia*. Lisboa: Editorial Verbo.
- RAEFF, Marc (org). (1988) *Russian intellectual history, an anthology*. Trad. Seleccionada: Bruno Barretto Gomide. New Jersey: Humanities Press.
- TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e Filhos*. (1971). Trad. Ivan Emilianovitch. São Paulo: Abril.
- _____. *Pais e Filhos*. (2006) Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac & Naify.
- WILSON, Edmund. (1991). *11 Ensaios – Literatura, Política, História*. São Paulo: Companhia das Letras.